

NOS SUBTERRÂNEOS DA VIOLÊNCIA

IN THE SUBWAYS OF THE VIOLENCE

Valdemar Valente Junior¹

RESUMO: Esta coletânea de contos aproxima aspectos da criminalidade à literatura tendo por base a narrativa que enfatiza a experiência de Luiz Alberto Mendes na prisão. O criminoso converte-se em escritor, influenciado pela leitura dos clássicos da literatura, a que teve acesso na biblioteca do presídio, tendo como material de sua escrita o universo da violência e da repressão. Baseados em fatos por ele vividos, cada conto constitui um depoimento, ensejando à ficção um caráter de hiper-realismo.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Realismo; Prisão; Crime.

ABSTRACT: This short story collection approaches aspects of the criminality to the literature based in the narrative that emphasizes the experience by Luiz Alberto Mendes in the jail. The criminal becomes a writer, influenced by the lecture of the classics of literature, accessed in the jail's library, having by material of his writing the universe of violence and repression. Based in facts lived by the author, each short story constitutes a deposition, offering to the fiction a character of hyperrealism.

KEYWORDS: Violence; Realism; Jail; Crime.

Resenha da obra:

MENDES, Luiz Alberto. *Cela forte*. São Paulo: Global, 2012, 152 p.

A revelação da obra de Luiz Alberto Mendes, a partir da publicação de *Memórias de um sobrevivente* trouxe à luz o depoimento pungente desse ex-presidiário, exposto a uma gama de vicissitude e crueldades que buscou superar com a tenacidade dos predestinados. Por isso, a enumeração desses episódios, no submundo do crime e da violência, ao ser trazida para o âmbito da ficção, traduz a enorme possibilidade de relacionamento com o melhor da literatura europeia do século XIX, com que Luiz Alberto Mendes passou a

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Incrito no Programa de Pós-Doutorado da UERJ. Palestrante e autor de artigos sobre literatura e cultura brasileira.

estabelecer contato dentro da prisão, a exemplo de Émile Zola, Charles Dickens e Dostoievski. É possível, portanto, que a obra de alguns desses grandes mestres, aliada a de tantos outros mestres do emparedamento e da solidão, com Edgar Allan-Poe e Franz Kafka, além do repertório de horrores da vida que levou, tenham amalgamado a capacidade de síntese e configuração da realidade que se constituem na argamassa que pavimenta seu percurso de escritor de valor inquestionável. Em vista disso, acentua-se em sua obra um sentido de hiper-realismo que embaralha os termos da matéria ficcional, subvertendo-a.

Isto pode ser constatado em *Cela forte*, coletânea de contos que reitera o lugar de uma vivência que se impõe como marca registrada do que se configura nesse tema, a um só tempo tão banal e incomum, bagagem de um viajante que nunca se negou a percorrer o caminho das pedras pontiagudas, das curvas perigosas e das encruzilhadas imprevistas. A vida carcerária e o mundo do crime, portanto, situam-se como cenários de ação da sucessão de contos que alternam períodos de liberdade e detenção, estabelecendo a condição de um ir e vir que caracteriza a enorme dificuldade dos ex-presidiários em reconstruir a vida fora dos muros do sistema prisional. Essa condição se constitui na vitória de Luiz Alberto Mendes, o escritor que luta com determinação para dar continuidade à vida em liberdade, depois de ter cumprido trinta anos de prisão. A literatura a ele se revelou no confinamento, por entre a galeria dos esgotos, quando um preso de outra cela lhe narrava episódios dos romances de Victor Hugo, Balzac e Flaubert, o que lhe fomentou o gosto pela leitura e a posterior descoberta de um talento narrativo que se impõe por vias transversais.

Assim, *Cela forte* deflagra situações que fogem por completo ao que poderia ser o exemplo da dignidade, aviltada, a partir da denúncia ao descumprimento dos direitos mais elementares à condição humana. Espancamentos, choques elétricos, afogamentos, estupros, assassinatos, enfim, toda uma série de ações que caracterizam as condições subumanas a que os presos são submetidos nas instituições correcionais do país. As filas intermináveis no dia de visita, a revista íntima, o uso de drogas, a truculência dos agentes penitenciários são como matéria-prima à caracterização de um

mundo que se pauta na hostilidade e nas formas aviltantes com que o ser humano é constantemente violentado em sua dignidade. O que se consigna como elemento principal nesse conjunto de pequenas narrativas potencializa ao extremo um elenco de situações que, sem nenhum exagero, dimensiona a situação brasileira, contrariando as estatísticas duvidosas de um otimismo oficial que em nada coincide com a realidade cruel das prisões, extensão premente das ruas e das favelas, onde a tragédia humana tangencia ao paroxismo completo.

Os contos de Luiz Alberto Mendes tratam com agudeza do agravamento da situação dos presidiários, tema que remete ao uso de drogas injetáveis e à contaminação pelo vírus da Aids. Os relatos de criminosos que, em liberdade, reincidem no crime como forma de sustento do vício indicam o fim da linha para grande parte do contingente carcerário, numa sociedade excludente, a exemplo a nossa, uma vez que não restam opções de reintegração dos que buscam fora dos presídios legitimar uma situação de efetiva cidadania. Ainda sobre o uso de drogas e da contaminação no interior dos presídios, a narrativa de Luiz Alberto Mendes concorre para agravar o debate que envolve esse drama, pintando com tintas fortes uma situação por vezes incontornável. Escritos e datados em períodos quase sempre posteriores ao cumprimento de sua pena, os contos de *Cela forte* retrocedem ao período nebuloso das fugas e perseguições, pátios lotados, revistas humilhantes, confinamento em solitárias, o que confirma a tradição brasileira do sistema carcerário como uma escola do crime, do sadismo e da perversão sem limites.

Os depoimentos pungentes perpassam a superação da dor como condição indispensável à sobrevivência. Fora do presídio um antigo assaltante de bancos, combalido pelos anos e sem família, trabalha com segurança de uma loja na Rua 15 de Novembro, no Centro de São Paulo, vigiando as mercadorias expostas para que ninguém as roube. Assim, criminosos regenerados convertem-se em espectros, fantasmas de si mesmos, quando não em psicóticos tomados por fantasias inconciliáveis com a realidade que se apresenta em posição oposta. Do mesmo modo, há os que, encarcerados, descobrem na pintura um sucedâneo ao rol de violências a que são submetidos, a exemplo do que passou a ser a literatura para Luiz Alberto

Mendes. A obra corresponde à solução que cada um procura agenciar como meio possível, sublimação de um tormento que lhes é lancinante. No caso de Luiz Alberto Mendes, o expurgo de suas dores mais pungentes ratifica-se no retorno às situações extremas, base do que configura sua produção narrativa como pintura sem retoques, feridas expostas para as quais a cura demanda em longo tempo de espera.

Por vezes, a narrativa recorre ao presente do escritor palestrante em sua relação com detentos, na medida em que costuma visitar instituições penais, a partir da superação de sua condição anterior. Do mesmo modo, alguns contos recorrem à memória do menino da periferia de São Paulo, quando tem início o calvário de seus crimes e imputações penais, que carregou por parte significativa de sua vida. Em ambos os casos pode-se perceber que representam o eixo principal de seu trabalho, ou seja, a narrativa acerca da fase de maturação de sua atividade criminosa serve como ponto do interesse que parece recair sobre os episódios marcantes no conjunto da narrativa que produz. O quadro ficcional em que se inscreve sua obra parece não prescindir da presença marcante que *Memórias de um sobrevivente* ocupa como ponto elevado. Por isso, a narrativa como foro de realidade, com a qual estabelece laços indissolúveis, tem nesta obra sua principal referência, o que faz com que os contos de *Cela forte* situem-se num plano que lhe dá continuidade.

O universo dos infratores, em regime fechado ou semiaberto, das mulheres e filhos afastados de maridos e pais que cumprem pena, dos sequestradores e assaltantes, constitui o cenário de que a narrativa de Luiz Alberto Mendes se nutre, na medida em que revela o aspecto particularizado de sua vida de agruras e perseguições. Tendo quitado sua dívida com a justiça, o colunista da revista *Trip* por vezes expõe nos contos de *Cela forte* a ideia de um herói para quem a literatura foi a forma encontrada de superar a vida criminosa, qualificando-o, na condição de escritor. Do mesmo modo, sua narrativa provisoriamente desvia o foco que quase sempre ilumina sua própria situação para tangenciar a realidade dos usuários de crack, dos mendigos e da população atingida pelas intempéries, nas áreas de risco. *Cela forte*, portanto, amplia a possibilidade de seu olhar como condição indispensável às obras que,

por força da denúncia a que procuram agravar, não se contentam em dirigir-se a um único ponto, ampliando sua visão sobre diferentes dramas.